

SÍTIO CALDEIRÃO: A VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL CONTRA UMA COMUNIDADE FRATERNA (1889 – 1937). REGIÃO DO CARIRI/CEARÁ

Benedito Tadeu dos Santos¹

Resumo: A irmandade de Santa Cruz do deserto foi uma comunidade liderada pelo Beato José Lourenço, que surgiu em 1926, formada inicialmente por sertanejos nordestinos, devotos do Padre Cícero Romão Batista que, desde 1889, haviam seguido para Juazeiro do Norte em romaria, após o Milagre Eucarístico, protagonizado pela Beata Maria de Araújo. Ao longo desses 37 anos, retirantes de diversas regiões do Nordeste foram aglutinando-se na região do Cariri, mas esse contingente aumentou significativamente com a chegada gradativa de vitimados pela seca de 1932, a qual maximizou a atávica exploração dos oligarcas rurais, denominados coronéis. No Sítio Caldeirão, situado no município do Crato, no Estado do Ceará, terras do Padre Cícero, José Lourenço e os membros de sua comunidade, calcados em experiências fraternas herdadas do Padre Ibiapina e práticas religiosas comuns aos sertanejos, organizaram-se a partir dos pilares que lhes garantiam a sobrevivência material e preenchiam suas necessidades espirituais: trabalho, oração e partilha dos bens produzidos. Tal estrutura comunitária foi considerada pelos segmentos dominantes cearenses uma ameaça à ordem social estabelecida. A Igreja Católica Romana, por meio de sua hierarquia, comprometida com o projeto de romanização e com as oligarquias agrárias, desprezou suas práticas religiosas, considerando-as expressão de fanatismo. A isso se somou uma intensa disseminação de acusações de práticas comunistas e agrupamento periculoso, o que ajudou a formar uma opinião pública favorável à sua repressão. A campanha militar, formada por policiais civis e militares, do município, do Estado e com a ajuda de forças federais, desencadeada em 11 de setembro de 1936, resultou na dispersão dos membros da comunidade e na desocupação das terras do Caldeirão, tendo como desfecho a campanha ocorrida em maio de 1937, com ataque dessas forças aos remanescentes, que se haviam refugiado na Mata dos Cavalos, na Serra do Araripe. O extermínio da comunidade do Sítio Caldeirão expressa a violência do Estado para com tais formas organizacionais cujo único pecado foi o de lutar contra a miséria por meio de da solidariedade.

Palavra chave: Sertanejo nordestino. Beatos. Religião. Violência Institucional

Sítio Caldeirão: Romeiros se transformam em irmãos.

Diversos fatores contribuíram ativa ou passivamente para a organização da comunidade sertaneja conhecida como o Sítio Caldeirão, entre os anos de 1926 e 1936, na região do Cariri, ao Sul do Ceará, na cidade do Crato, próxima à cidade de Juazeiro do Norte. Sob a liderança de José Lourenço Gomes da Silva, popularmente chamado de Beato José

¹ Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade de São Paulo, Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (PUC-SP) e Licenciado em História pelo Centro Universitário Assunção. Professor associado do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (Diocese Anglicana de São Paulo).

Lourenço, formou-se uma sociabilidade entre os sertanejos retirantes, fundamentada no trabalho e na oração. Porém, tal modo de vida se tornou ameaçador aos olhos da ordem estabelecida, culminando em seu extermínio.

A dinâmica das relações que se desenvolveram no Sítio Caldeirão integra os diferentes eventos históricos que ocorreram entre os anos de 1889 e 1937 naquela região. As secas acirravam a exploração e o abandono do Estado que submetiam permanentemente os sertanejos e os transformavam em retirantes que caminhavam isolados ou com seu núcleo familiar mais próximo pelo sertão. No caso específico da formação do Sítio do Caldeirão, em muito contribuiu um acontecimento religioso ocorrido no ano de 1889, em Juazeiro do Norte, conhecido como *o Milagre Eucarístico*, a hóstia consagrada que se transformava no sangue de Cristo, ao ser entregue pelo Padre Cícero à Beata Maria de Araújo (Della Cava, 1976, p. 57), que fez eclodir questões sociais que forneceram subsídios para o início das atividades da comunidade Caldeirão, composta por migrantes fugindo das regiões mais devastadas pela seca, sertanejos que se fizeram romeiros, motivados pela fé.

A fé como fator aglutinador desses retirantes sertanejos era capaz de articular núcleos com práticas de orações e múltiplas manifestações religiosas comuns, que denominamos *sistema de crença do sertanejo*, isto é, sua forma de pensar e viver a fé católica, nem sempre de maneira institucional, construído a partir de referenciais religiosos africanos, indígenas e medievais portugueses, terreno fértil para devoções consideradas subversivas pela Igreja Católica e símbolo de fanatismo. A sabedoria própria da religiosidade africana e indígena, transmitida oralmente, somada aos devocionais piedosos estimulados pelo catolicismo português, modelou a forma de crer e a prática religiosa do sertanejo no Nordeste até a primeira metade do século XX. As diferentes *imagens de Deus*, a relação com os santos e as práticas duma religião rústica, acabaram por influenciar a forma de organização da família, da moral e do trabalho entre o povo do sertão, com potencialidade para gerar movimentos religiosos de protesto social (Otten, 1990, p. 140). Desde aí, fortaleciam-se as relações pelo reconhecimento de costumes comuns, superando-se assim o isolamento vivenciado nos sertões e nas longas migrações.

O Milagre Eucarístico, concomitante ao transcurso do processo canônico contra o Padre Cícero, instaurado em 1891, portanto, 35 anos antes da instalação de José Lourenço no Sítio Caldeirão, foi o fator condicionante para coesão desses milhares de pessoas que seguiam para Juazeiro do Norte, transformando-a num importante centro de peregrinação. Aproximadamente 400 romeiros chegaram, dia a dia, entre os anos de 1891 e 1892 (Della

Cava, 1976, p.79). Os acontecimentos que daí decorreram, acrescidos de outras circunstâncias históricas que radicalizaram os antagonismos inerentes àquela realidade, foram determinantes para a formação da comunidade liderada por José Lourenço.

No calor desse evento, ainda no final do século XIX, José Lourenço seguiu para Juazeiro do Norte visando encontrar sua família que se havia unido aos grupos de romeiros refugiados na terra da Mãe de Deus, os quais buscavam conforto espiritual nas palavras do Padre Cícero, além da fuga da miséria, da exploração e de mais um ciclo de estiagem provocado pela seca que assolava periodicamente todo o Nordeste (Figueiredo, 1934, p. 7).

Após longo período como penitente, entre os anos de 1894 e 1895, José Lourenço foi orientado pelo Padre Cícero para constituir-se em um beato que soubesse acomodar, nas mãos, o rosário e a enxada. Os beatos eram irmãos rezadores, pregadores, por vezes itinerantes, promotores de uma nova ordem social calcada na solidariedade e não no poder econômico. Sendo membros do povo, conheciam as dores e as alegrias dos sertanejos, partilhavam do mesmo sistema de crença, permeado por ladainhas, devoção aos santos, festas, cantos de benditos, amuletos, práticas penitenciais e identificação com o Bom Jesus, por meio dos sofrimentos inerentes à vida (Hoonart, 1983, p.81).

Acompanhado de seus familiares e alguns romeiros, já tendo tomado o hábito de beato, José Lourenço arrendou, do Coronel João de Brito, terras no sítio Baixa Dantas, na cidade do Crato, sempre sob a orientação do Padrinho, que constantemente lhe enviava devotos, romeiros advindos de diversas partes do Nordeste e de locais mais distantes. Os que desejavam fixar residência e não dispunham de recursos financeiros, eram enviados para trabalhar ao lado de José Lourenço, que cada vez mais se diferenciava dos demais beatos, por sua condição de trabalhador ao lado dos trabalhadores.

O acolhimento dos romeiros do Padre Cícero passou a ser criticada pela imprensa local e pelos adversários políticos do Padrinho de Juazeiro, que consideraram tal prática como aliciamento de trabalho escravo e exploração da fé dos romeiros.

Todavia, esse movimento de romeiros pode ser compreendido como manifestação de fé, mas também como possibilidade de trabalho que garantisse o sustento e a manutenção da vida, numa sociedade segregacionista e exploradora. Segundo os remanescentes da comunidade do Sítio Caldeirão, todos os que desejassem trabalhar e rezar tinha lugar na irmandade, e, ao contrário do que se dizia, eram livres para partir (Cordeiro, 2004, p.43).

O trabalho realizado nessas terras arrendadas foi a primeira experiência de vida comunitária do Beato, que permaneceu nessa localidade até o ano de 1926, quando o Coronel Brito reclamou a propriedade, alegando intenção de venda, e exigiu que o Beato e sua gente deixasse as terras. Novamente, seguindo os conselhos do Padrinho, José Lourenço mudou-se para as terras do Caldeirão, propriedade do Padre Cícero.

Ali foi vivenciada a maior experiência de vida comunitária realizada pelo Beato. Em princípio, a irmandade se dedicou ao trabalho agrícola, porém, com o passar do tempo, houve uma diversificação das atividades de produção e seus membros começaram a desempenhar funções específicas de trabalho, como pedreiros, carpinteiros, ferreiros, hábeis costureiras entre outras atividades se desenvolviam. Tal condição de trabalho gerou um cooperativismo que comprovava a eficiência de uma organização socioeconômica diferente dos latifúndios existentes no Nordeste. Armazéns foram construídos para guardar o excedente; a produção era dividida entre todos os membros da comunidade e cada qual recebia o necessário para viver com dignidade. Não havia comércio interno, nem circulação de moeda (Ramos, 1991, p 63). A experiência de organização do trabalho instituída por José Lourenço também se diferenciava do regime imposto pelos coronéis. Não havia exploração da força de trabalho e todos repartiam, conforme a necessidade, o resultado do trabalho, num sistema de produção e apropriação coletiva. O que era de um era de todos: as atividades diárias não eram tidas como uma forma individual de sobrevivência, mas vista pelo prisma do bem comum. Mutirões internos e externos eram realizados. Sem qualquer preceito teórico, ou mesmo conhecimento de práticas semelhantes em qualquer lugar, regidos pelos ensinamentos bíblicos e movidos pela necessidade premente da sobrevivência, uma organização social em que a produção era comum de todos (Cordeiro, 2004, p. 203).

Nesse sentido, comprovavam que, sem o controle de um poder político externo à sua vivência, os seres humanos são capazes de organizar-se e construir relações societárias organicamente articuladas e solidárias. Assim, na prática, questionaram a necessidade da existência de um poder estatal, que se pusesse como uma força equalizadora das diferenças e que, para manter a ordem, necessitava de forças repressivas.

Nas terras do Caldeirão, os sertanejos, antes castigados pelas intempéries, partilhavam do fruto do trabalho numa comunidade solidária; comiam, trabalhavam, rezavam e faziam caridade através de uma organização fraterna e valorização da vida.

A seca de 1932: Caldeirão, lugar de fraternidade

Durante a grande seca do ano de 1932, o Sítio Caldeirão teve o seu maior contingente, cerca de duas mil pessoas (Ramos 1991, p. 77). Famílias expulsas das fazendas, ou, então, fugindo da miséria e da fome, encontravam acolhimento, trabalho, alimento e dignidade, enquanto muitos morriam de fome e doenças nos *currais* assistencialistas, criados pelo governo federal como ação paliativa e propaganda política, sem o intuito de minimizar as calamidades provocadas pela estiagem ao povo do sertão, transformando a seca numa indústria rentável (Rios, 2001).

No interior dos ciclos das secas, a de 1932, por seu grande prolongamento, mostrou que os fenômenos naturais são apenas os sintomas da miséria, pois a doença, de fato, está na forma de tratar a miséria. Esse longo período de estiagem foi de grande importância na constituição do Sítio Caldeirão; a demografia do Sítio foi consideravelmente alterada. Após o término da seca, os desvalidos, que para lá correram durante o período crítico, desejaram ficar e fazer parte da comunidade devido à fartura existente e à dignidade humana promovida.

A necessidade de união nessa luta contra a miséria e na busca de alternativas para a sobrevivência, foi agregada com a profunda religiosidade da população e seus referenciais de fé. Pode-se mesmo postular que o fator que proporcionou o primeiro agrupamento de pessoas ao redor do Beato foi a fé, catalisada pela confiança que depositavam no Padre Cícero e, por referência, no seu discípulo, José Lourenço. A seca de 1932 fez com que as relações no Caldeirão ganhassem uma nova dinâmica, pois não era mais a religião o único motivador do ingresso na irmandade: a fome, a sede e ausência das necessidades básicas para a sobrevivência, foram novos elementos catalizadores. Nem mesmo a redução da quantidade de refeições diárias, com o propósito de que todos os membros da comunidade – antigos e novos – fossem devidamente atendidos, gerou tensão ou conflito na comunidade, mas fez aflorar a caridade (Figueiredo, 1934, p. 7).

Após o abastecimento dos armazéns internos, o excedente da produção do algodão e os artesanatos eram vendidos nas cidades para aquisição daquilo que não era cultivado no Sítio, necessidades extras, ações de caridade e a manutenção do serviço religioso.

A construção de um estigma para legitimar a perseguição

Sendo a vida religiosa forte pilar na constituição da comunidade, havia grande investimento financeiro na liturgia diária. Uma capela foi construída sob a orientação do Padre

Cícero para que fosse entregue aos cuidados pastorais do clero da Diocese do Crato. Contudo, a prática religiosa experimentada pelos membros da comunidade foi tida como “marginal” e herética pela Igreja, que não providenciou o envio de um Sacerdote para realizar os Sacramentos e servir ao povo.

Diversos grupos sociais se colocaram como opositores da experiência de trabalho e oração iniciada nas terras do Caldeirão. A imprensa, representando os interesses desses grupos, ajudou a formar a opinião pública de maneira depreciativa, categorizando os seguidores do Beato como grupo de fanáticos que vivia um catolicismo marginal, senão herético e profano, além de fomentar o estigma do grande inimigo comum ao Estado e à Igreja, o comunismo. Respaldados pela imprensa, severas críticas são promovidas contra a Irmandade, considerando-a um perigoso antro de fanatismo, o que constituiu uma preparação para justificar a destruição da comunidade. As acusações de comunismo e fanatismo despertavam dois temores na opinião pública: a implantação de práticas comunistas contra a propriedade, a família e religião, e o desvio da ortodoxia apregoada pela Igreja (Jornal O Crato, 1936, p 2).

Após a morte do Padre Cícero, em 1934, a perseguição às atividades do Caldeirão se intensificou, resultando, em 1936, numa ação policial, que culminou com a dispersão dos moradores do Sítio, que tiveram seus lares destruídos, suas lavouras queimadas e todos os bens materiais saqueados. Os dispersos se refugiaram na Mata dos Cavalos, na Serra do Araripe, porém, foram atacados de forma violenta pelas forças policiais em 11 de maio de 1937, com a soma oficial de 200 mortos (Holanda, 1981). Os sobreviventes continuaram a ser estigmatizados por parte da imprensa e pela sociedade urbana, principalmente, tidos como bandidos, fanáticos e subversivos à ordem.

Em 1938, José Lourenço recebeu anistia e retornou com um pequeno grupo para o Sítio Caldeirão, sendo, no entanto, desapropriado, em 1939, pelos padres Salesianos, os beneficiados pelo testamento do Padre Cícero como herdeiros da terra do Sítio. O Beato seguiu, acompanhado de alguns remanescentes, para a cidade de Exu, Pernambuco, onde formou a comunidade União, falecendo em 1946. Seus restos mortais foram levados por seus seguidores para a cidade de Juazeiro do Norte. Seguindo a tradição sertaneja, foi solicitada ao Vigário de Juazeiro (Mons. Joviniano Barreto) uma missa em favor da alma do Beato. A recusa se deu com a alegação de que não seria rezada missa para bandido (Ramos, 1991, p. 181). Não obstante, um pequeno oratório foi construído no cemitério ao lado da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que serve de jazigo para ao Beato.

O Sítio Caldeirão e suas experiências de trabalho coletivo surgiram como resgate do modo primitivo de vida, mas, naquela sociedade que se queria moderna na primeira metade do século XX no Brasil, tais formações passaram a ser associadas ao comunismo, no sentido pejorativo e ameaçador que lhe foi conferido pelos poderes vigentes.

A violência institucional se deu de diferentes maneiras, nem sempre ferindo diretamente o corpo, iniciando por vezes, na alma e na moral. Percebe-se que a investida contra o corpo, com o uso de armas letais, ocorreu após a criação de um estigma que justificasse as ações violentas, formando um consenso social sobre a necessidade de tais atitudes, assim como havia ocorrido no evento de Canudos (Bartelt, 2009, p. 293).

Considerações finais

O pecado cometido pela comunidade do Sítio Caldeirão, reconhecida por seus membros como Irmandade de Santa Cruz do Deserto, foi o de seguir exemplos herdados do Padre Ibiapina e do Padre Cícero, onde a caridade foi tida como premissa maior para se estabelecer as relações. Ao lado do Beato José Lourenço, os sertanejos elevaram à máxima potência a solidariedade, que é comum ao povo sofrido. No entanto, essa relação fraterna estabelecida ameaçou o sistema social calcado no poder econômico e na exploração aos desvalidos.

No Nordeste brasileiro no final do século XIX e início do XX, a falta de atuações significativas no combate à seca e socorro às suas vítimas, a hierarquização e fortalecimento do espaço paroquial, com o desprezo de manifestações de fé e práticas comuns aos sertanejos, além das ações repressivas do governo com aceitação da opinião pública, foram expressões da violência institucional contra o sertanejo.

Considerados como fanáticos e subversivos à ordem social estabelecida, os membros da Irmandade de Santa Cruz do Deserto, reunidos no Sítio Caldeirão, mantiveram sua crença religiosa na *parusia*, isso é, no retorno de Jesus Cristo como Salvador em glória, e no advento de uma nova *terra*. Porém, essa crença não é um patrimônio próprio do povo simples, mas dogma de fé de todos os segmentos cristãos, assim como também deve ser comum o desejo de uma nova terra, isso é, uma nova realidade social onde, as armas de guerra: *espadas e lanças* sejam transformadas em instrumentos de trabalho: *foices e enxadas*; onde as relações humanas sejam permeadas pela fraternidade e não pela opressão e massacre do mais fraco e indefeso.

Bibliografia

- ALVES, Joaquim. Juazeiro, cidade mística. Fortaleza: **Revista do Instituto do Ceará**, 1948.
- ALVES, Tarcísio Marcos. **A Santa Cruz do Deserto**. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal do Pernambuco, 1994.
- AZZI, Riolando e GRIJP, Riolando. **História da Igreja no Brasil** – ensaio de interpretação a partir do povo – 3ª. Época (1930-1964). Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARROS, José Góes de Campos Barros. **A Ordem dos Penitentes**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1937.
- BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. **A terra da Mãe de Deus**. 1. ed. 1988. Fortaleza: IMEPH, 2008.
- BARTELT, Dawid Danilo. **Sertão, República e Nação**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- CASIMIRO, Antônio Renato Soares (org.). **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos de Joazeiro** – A Questão religiosa. Fortaleza: SENAC, 2012.
- CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. **Um Beato Líder** – Narrativas Memoráveis do Caldeirão. Fortaleza: Imprensa Universitária – Universidade do Ceará, 2004.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2006.
- HOORNAERT, E., AZZI, R., GRIJP, K. V. D. e BROD, B. (org.) **História da Igreja no Brasil**. Ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira Época. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. Ibiapina e os desclassificados. In: DESROCHERS, G e HOORNAERT, E (org.). **Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 7. ed. O Município e o Regime Representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”** – O Anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e Dominação de Classe**. Gênese, estrutura e função do catolicismo Romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.
- OTTEN, Alexandre. **“Só Deus é Grande”** – A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1990.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades**. Fortaleza: EDUECE, 1991.
- RIOS, Kênia Sousa. **Campos e concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará – Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

Jornais

- Autor não identificado*. **Origem do fanatismo de Caldeirão, sua psicologia**. Jornal O Crato, Cidade do Crato, 09 de julho de 1936, p. 02.

FIGUEIREDO, José Alves de. **O Beato José Lourenço e sua ação no Cariri.** Jornal O Povo, Fortaleza, 17 de junho de 1934, p. 07.

HOLANDA, Tarcísio. **A Chacina do Caldeirão.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 01 de fevereiro de 1981, Caderno especial, p. 1-2.